



## DOENÇAS INFECCIOSAS EMERGENTES E EM EXPANSÃO

*Humanity has but three great enemies: fever, famine, and war; of these by greatest, by far the most terrible, is fever.*

William Osler, 1896

As doenças infecciosas, que para muitos não representariam mais um problema de Saúde Pública no ano 2000, constituem hoje a principal causa de morte em todo o Mundo.

À exceção da varíola que foi erradicada na década de 80, nenhuma das doenças infecciosas do passado parece estar sob controlo e muito menos em vias de extinção (à exceção da poliomielite), e nos últimos 20 anos foram identificadas mais de trinta novas doenças infecciosas.

Assim, a malária e a tuberculose registam um retrocesso mortal em muitas regiões do Mundo; a peste, difteria, dengue, meningite meningocócica, febre amarela e cólera reapareceram como ameaça à saúde pública um pouco por toda a parte; as febres hemorrágicas, infecção VIH/SIDA e hepatite C são, de entre muitas, consideradas como doenças infecciosas emergentes; a resistência aos antibióticos põe em questão os progressos registados em áreas importantes da medicina, como na oncologia e nos transplantes.

As causas da expansão das doenças infecciosas estão associadas ao aumento da população vivendo (e movendo-se) pelo Mundo, ao crescimento da frequência e da rapidez do tráfego internacional e ainda ao incremento do número e da população das megacidades.

Outros factores, não menos importantes, têm contribuído para aquele fenómeno, tais como modificações na produção, manuseamento e processamento dos alimentos, aumento da exposição do homem a reservatórios e vectores de doença, degradação das infraestruturas de saúde pública que não acompanham as necessidades da população e má utilização dos antibióticos com aumento das resistências dos microrganismos.

Como exemplos, a síndrome do choque tóxico (associada a tampões menstruais) e a doença do legionário (ligada a aparelhos de ar condicionado) estão conotadas com novas tecnologias e as febres hemorrágicas (associadas à construção de barragens e a desmatamentos) são doenças com ligação às modificações do meio ambiente provocadas pelo homem.

Este número da Acta Médica Portuguesa é dedicado, praticamente por inteiro, à Infecciologia, sendo de realçar a importância que é dada à infecção VIH/SIDA e à tuberculose o que não nos parece desajustado face ao impacto que estas duas entidades nosológicas têm em Saúde Pública.

Assim, em Dezembro de 1996, a Organização Mundial de Saúde calculava que, desde o início da epidemia, cerca de 30 milhões de indivíduos (26,8 milhões de adultos e 2,6 milhões de crianças) terão sido infectados pelo Vírus da Imunodeficiência Humana, dos quais 8,4 milhões com SIDA (WER 1997; 72: 17-24). Em Portugal, o total de número de casos acumulados de SIDA reportados até Março de 1997 foi de 4066 (CVEDT, doc. 101).

Por outro lado, em 1995, tinham sido notificados à Organização Mundial de Saúde, 3,27 milhões de casos de tuberculose, o que corresponde a uma taxa de 59,3 casos/100.000 habitantes (WER 1997; 72: 117-124). De acordo com os dados da Direcção de Serviços de Saúde Pública (Núcleo de Tuberculose e Doenças Respiratórias), em Portugal, naquele mesmo ano, registou-se um total de 5577 de casos novos, sendo a taxa de 49,8/100.000 habitantes, muito superior à do resto da Europa que era de 34,0.

Os números são impressionantes, apenas referentes a estas duas doenças e o receio de que novas epidemias, com maior impacto em Saúde Pública, possam vir a ocorrer, não parece injustificado, o que pode vir a modificar o curso da História, tal como aconteceu noutras tempos quando o tifo dizimou um quarto da população de Atenas no início da guerra do Peloponeso, o paludismo acelerou o declínio do Império Romano e, ainda, o sarampo e a varíola enfraqueceram os povos das Américas no início da colonização pelos Europeus.

FRANCISCO ANTUNES